Illustração Portugueza

II.ª serie

N.º XXIII

Director: Carlos Malheiro Dias

Illustração Portugueza

Director—Carlos Malheiro Dias

EDIÇÃO SEMANAL

EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia typographia e impressão — Rua Formosa, 43, Lisboa

Condições de assignatura

Portugal, colonias e Hespanha

Anno	4$800
Semestre	2$400
Trimestre	1$200

Assignatura extraordinaria

A assignatura conjuncta de O SECULO, do SUPPLEMENTO HUMORISTICO DO SECULO e da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA

Anno	8$000	Trimestre	2$[illegible]
Semestre	4$000	Mez (em Lisboa)	700

EDITOR—JOSÉ JOUBERT CHAVES

TYPOS DAS RUAS DE LISBOA EM 1840

(Segundo lithographias do tempo)

O cego vendendo folhinhas

A conducção d'uma pobre mulher para o hospital

Ruas alegres da velha Lisboa, cheias de sol e de poeira, de telhados em bico e de imagens de azulejo, de resaltos alpendrados e de janellinhas de rotulas, de frades e de collarejas, de ciganos e de marchantes,— quem vos viu e quem vos vê!

— «Estragaram a cidade!» — diria D. João V se resuscitasse, elle que tanto gostava de andar embuçado pelo Rocio e de se disfarçar de mendigo para vêr melhor as mulheres. — «Pouca vergonha!» — confirmaria Calixto Eloy de Silos e Barbuda, verberando, na gravidade da sua casaca de briche, a desfaçatez municipal com que se transformára Lisboa. A velha cidade! Onde irá ella, essa Lisboa tradicional e devota, que acordava á matinada dos sinos e se revestia de damasco vermelho para vêr passar as procissões! Onde estarão as suas ruas cheias de areia e de alecrim, os seus chafarizes tradicionaes, as suas mulheres de capote e lenço, os seus farricôcos da Mizericordia, o seu fedorento *agua-vae* que um dia apanhou em cheio o desgrenhado e mal humorado Bocage? Que será feito da porquissima Lisboa do seculo XVIII e do principio do seculo XIX, — a que o galante e empoado Beckford chamou «deliciosa cidade de mendigos e de cães»?

Evidentemente, se o frade-poeta de Xabregas ou o José Agostinho dos *Burros* voltassem a este mundo, haviam de vêr-se sériamente embaraçados para descobrir onde ficava a calçada do Salitre ou por que caminho se ia para as Picôas. Mas o que mais havia de os surprehender, por essas ruas e por essas praças, por esses becos e por essas alfurjas remotas, o que havia de assombral-os mais ainda do que a nova topographia aristocratica de Lisboa, — era sem duvida a desapparição quasi completa dos typos das ruas, de certas figuras plebêas

O camponez proprietario do Alemtejo

A preta do mexilhão

Colheres, palitos e rocas

e caracteristicas tão necessarias á vida economica e á vida social do seu tempo,—typos que eram a alma da cidade porque significavam a expressão viva d'uma tradição, que eram a alegria dos velhos bairros porque affirmavam o sentimento integro do antigo pittoresco nacional. Onde se teriam mettido essas creaturas? Como se extinguiriam essas dynastias de boleiros e de cegos das folhinhas, de velhos de bicorne e de pretos caiadores? Por onde andaria toda essa boa gente que formava a bem dizer a parte tradicional, a parte caracteristica das multidões, que era a alma turbulenta e colorida das portarias e das viellas, e que fazia dizer a quem a visse de repente acompanhando um *Bemdito* ou visitando um *Lausperenne:* «aquella gente é por força portugueza»? Onde estariam elles? Decerto o bom frade *Lagosta* ou o bom *Frade de Xabregas* haviam de perguntar comsigo, ao deixar de vêr esses «typos de rua» que elles julgaram um dia imprescindiveis á economia da cidade: — «Mas como vive agora esta gente? Que ha de ser agora d'esta gente?» E o grande fradalhão bojudo e o gordo fradinho marianno haviam de benzer-se, lastimando o estado de atrazo e de mizeria, de estupidez e de primitividade em que vegetava a população lisboeta. — «Decididamente, nem já gostam de mexilhão!»—commentariam um para o outro, fartos de procurar por toda a parte, por todos os can-

tos, a preta retinta vestida de encarnado que apregoava o precioso *aio! aio!* em todos os cunhaes da cidade. — «Nem já caiam as casas!» — lembrariam, sem encontrar os patuscos pretos caiadores, de bicorne e fato de listas, que eram o encanto e alegria dos garotos. — «Nem já se lê em Lisboa!» — deplorariam, ao vêr que desapparecera o cego das folhinhas e dos almanachs, o livreiro ambulante do *João de Calais* e da *Princeza Magalona*, da *Historia de Carlos Magno* e da *Curiosa relação dos toiros que se hão de correr no Terreiro do Paço.* E ao notar a falta da tumba primitiva da Mizericordia, com os seus farricôcos de negro e a sua grande cruz branca e recurva, concluiriam, arregalando os olhos com um pavor verdadeiramente fradesco: — «Nem já se enterra gente n'esta cidade!»

Mas não é preciso remontar á Lisboa de D. Maria I e do poeta de Xabregas, ou á Lisboa de Pina Manique e do padre José Agostinho de Macedo, para se conhecerem bem os typos das ruas da velha capital. Basta recuar até 1840. É certo que a cidade depois de 34 e do

«Merca patos» — Mulher de Leiria vendendo pinhões em Lisboa — O gaiteiro e o Tambor (peditorio para o Santissimo)

Marchante de gado da provincia do Alemtejo

decreto de extincção das ordens religiosas soffreu na sua physionomia geral uma alteração profunda. O povo, que vivera sempre feliz com frades e *Lausperennes*, foi violentamente sacudido e chamado a uma vida nova. Fez-se um salto brusco, da ingenua sumptuosidade as procissões para a casaca de briche da demagogia. A democratisação trouxe comsigo a desnacionalisação. Trocaram-se os sermões pelos *tivolis* da rua de S. Bento, os *Te-Deum* por S. Carlos e pelas bailarinas, as berlindas douradas e bamboleantes do antigo regimen pelo *omnibus* democratico e communista. Ao escapulario succedeu a manga d'alpaca, ao mosteiro a secretaria, ao frade o amanuense. Entretanto, áparte a ausencia do elemento monastico regular, que tanto caracter imprimia ás ruas e aos salões, ás tabernas e ás egrejas, a Lisboa de 1840 conservou na sua população baixa e nos seus typos plebeus o mesmo feitio e o mesmo pittoresco da Lisboa do seculo XVIII descripta por Beckford ou por Goubier de Barrault. Até essa data, mesmo até 1850, ainda a bella cidade dos corvos manteve os seus «typos das ruas» como

Namoro saloio

Mulher de capote e lenço

lh'os legára o seculo das procissões e dos *Jubileus das Quarenta Horas*, do freiratico sr. D. João V e do cão de guarda do regimen, Pina Manique.

Não é preciso ser muito velho para ter visto ainda esses curiosos typos, se não na sua fórma primitiva, ao menos na fórma bastarda por que elles se apresentavam ao tempo do nascimento de D. Pedro V. Decerto bastantes pessoas que nos lêem agora, conheceram os boleeiros das seges de aluguel de Lisboa, os bandos do Peditorio para a festa do Espirito Santo, as typicas vendedoras de agulhas e alfinetes, os homens do alecrim, os cegos das folhinhas, as mulheres de Leiria e as mulheres de Vallongo que vendiam pinhões e boroinhas de milho, os pretos caiadores da cidade, os almocreves torrejanos, os homens que punham editaes pelas esquinas, os cabos de vigia, os farricôcos, as saloias com os seus capuzes de velludo e os seus trajos ricos,

Peditorio para a festa do Espirito Santo

Antigo boleeiro de seges de praça

Frade capucho

as varinas ainda com os seus grandes chapéus atados com cordeis e os seus ouros sarapantões ao pescoço, — as proprias velhas de josésinho encarnado ou de capote preto e lenço bicudo de cambraia, os proprios janotas ainda de tricorne, calção, meia e sapato de fivella de prata. Talvez muitos dos nossos leitores tenham chegado a andar, na sua mocidade, nas terriveis e bamboleantes seges de 1830 a 1840, herdeiras das traquitanas que o Assembléa alugava no seculo XVIII, e das seges de *bandeirinha* que fizeram tão bom serviço no tempo do sr. D. Miguel. Eram calhambeques inverosimeis, — uma caixa estreita montada sobre duas enormes rodas, coberta com um oleado em cujas ilhargas se abria uma luneta de vidro, e tirada por duas pilécas quasi sempre estropiadas, Lazaros de coudelaria cuja ultima mizeria se passava á mão ou ás varas d'esses objectos de supplicio. Guiava-os, montado n'um dos cavallos, o boleeiro do tempo, — face dura e rapada de medalhão, cabeça chamorra de criminoso celebre, chapéu de pello de coelho, lenço d'Alcobaça no pescoço, niza azul e espora de latão, perna á facaia e chicote no sovaco. Poucas figuras populares de Lisboa seriam mais caracteristicas do que esses gloriosos batedores de 1840, alguns dos quaes, o *Facareno* e o *Pinoia*, o *Timpanas* e o *Manoel Bem Bom* tiveram nome na praça entre a *jeunesse dorée* que batia á noite para as Larangeiras ou de manhã para o Campo Grande. Quem sabe se algum d'esses reis de boléa estenderia a mão callosa e enorme a algum dos nossos leitores, ao chegar com os ossos moidos para uma ceia de bailarinas na Ameixoeira ou para uma espera de touros em Alvalade!

E o gaiteiro e o tambor que percorriam as ruas estreitas dos bairros pobres, dando a beijar

Frei Patricio e Maria Hespanhola — Almocreve de Torres

o estandarte do Santissimo ás beatas que assomavam levantando a rotula das janellas? E o marchante de gado do Alemtejo, rico e pimpão, com a sua calça de belbutina e a sua espora n'um pé só, correndo feiras e mercados, vendendo porcos e cavallos? E os homens dos sete instrumentos? E as mulheres que apregoavam «bolachinha doce»? E o ferro velho antigo, cheio de chapéus armados e de espadins, de candieiros de latão e de livros furtados ao espolio dos conventos? E as mulheres de mantéu e bioco, á moda do Porto? E o homem que gritava estridentemente, encostado aos cunhaes das esquinas — «merca alecrim?» E o vendedor, tão pittoresco, das colheres de paupallitos e rocas? E os pobres frades capuchos que mendigavam pelas ruas, — restos humildes e esfarrapados da ladroeira de 1834 e da sumptuosidade communitaria dos velhos mosteiros? E os saloios dos ovos? E os homens que transportavam os doentes para o hospital? — Quem, ao menos de tradição, não conhecerá estes typos desapparecidos, mas eternos, que constituiam a parte mais caracteristica, mais colorida, mais pittoresca da velha Lisboa de D. Maria II, — e que hoje nos surgem, de quando em quando, em pleno Carnaval, a recordar-nos que apesar de extinctos vivem ainda na imaginação e no sentimento do nosso povo?

A par d'estes, que são os typos classicos, — quantos typos episodicos atravessaram o seculo XIX, pondo na velha capital coalhada de mosteiros tristes a nota brilhante d'uma extravagancia ou d'um sorriso, d'uma satyra ou d'uma gargalhada! Desde o *Pax Vobis*, com a sua face glabra e a sua casaca encarnada, bobo do café do Nicola e dos casquilhos da loja do *Massa*, até ao Raymundo, o celebre creado dos

Mulher de mantéo, á moda do Porto — Vendedores de agulhas e alfinetes

O preto caiador

condes de Peniche, poeta e tocador de viola; desde o *Preto Assembléa*, que dava cambalhotas pelas ruas, até ao *Anão dos Assobios*, monstro minusculo de sobrecasaca de briche e chapéu alto, que o marquez de Niza metteu uma noite na roda da Mizericordia, como um recemnascido, — quantas caricaturas a fixar, dignas successoras do bobo dos marquezes de Marialva, João da Falperra, do bobo dos marquezes de Gouvêa, Bento Antonio, ou da Rosa, a incomparavel e traquinas boba mulata do Paço!

Hoje, tudo mudou, tudo degenerou. Os typos das ruas extinguiram-se, — ou quasi. Os grandes extravagantes, as figuras patuscas que de vez em quando faziam desopilar Lisboa, já não surgem na uniformidade monotona, baça, passiva, obscura do nosso povo. Todos se semelham, todos se confundem, todos se parecem — *avec tout le monde et son père*. É um symptoma de força — dizem os philosophos, — porque é um symptoma de adaptação. Mas que monotonia, que falta de caracter, que falta de inventiva, — que falta de sentimento de raça!

Ruas alegres da velha Lisboa, cheias de sol e de poeira, de telhados em bico e de imagens de azulejo, de resaltos alpendrados e de janellinhas de rótula, de marchantes e de ciganos, de collarejas e de frades, — quem vos viu e quem vos vê!

«Bolachinha doce!»

Ferro velho

«Beauty is the only thing that time cannot harm. Philosophies fall away like sand, creeds follow one another, but what is beautiful is a joy for all seasons, a possession for all eternity.

. . . .

Man is a being with myriad lives and myriad sensations, a complex, multiform creature that bears within itself strange logacies of the thougth and passion, and whose very flesh is tainted vith de monstruous maladies of dead.

. . . .

The mystery of love is greater than the mystery of death.

. . . .

There is no such thing as a moral or an immoral book. Books are well written or badly written — that is all.»

OSCAR WILDE.

Não é bonito alvez citar Oscar Wilde, mas é interessante decerto estudal-o. Esta figura multiforme e unica de dandy, d'escriptor e de forçado é ainda um problema para a critica.

◉

Oscar Wilde

Oscar O'Flahertie Wills Wilde—filho d'uma poetisa e d'um medico — nasceu em 1856.

Depois d'estudos sem echo na Portora Royal School d'Enneskillen,, obteve aos dezoito annos — com um ensaio d'estudo inflammado e estranho sobre os poetas comicos da Grecia —a medalha d'oiro «Berkeley» do Trinity College de Dublin. A arte e a vida gregas fascinaram sempre ao maximo este intenso e atavico espirito d'artista.

Em 1877 visitou a Grecia e a Italia onde apanhou com amor essa luminosa e incuravel bebedeira d'arte e de estylo que poz denodadamente na vida e na litteratura.

No anno seguinte alcançava —com um poema sobre Ravenna— o famoso premio «Newdigate», e sahia do Magdalen College d'Oxford com o seu

diploma classico e leve de Bacharel em Artes e com a fama perigosa e rutilante do mais extraordinario rapaz do Reino Unido.

Alto, forte, loiro, fronte grega, olhos infantis e azues, nariz romano-inglez, bocca sensual e ironica, calmamente bello como Apollo, supremamente elegante como Brummel, voz ingenua e musical que — como a de Cleopatra — fazia cantar as almas, escriptor surprehendente, conversador incomparavel, Oscar Wilde era aos trinta annos o arbitro das elegancias mundanas e artisticas de Londres. As duquezas consultavam-o commovidas e inquietas a respeito de vestidos, joias, moveis e amor; e mais d'um lord artista repetiu com veneração e vaidade as sentenças — diamantes lapidados a paradoxo e ironia — d'este Salomão do West-End. E ganhava a escrever duzentos mil shellings por anno.

De 1880 a 1895 publicou e poz em scena: *Poems by Oscar Wilde*, trabalhos da juventude; *The Happy Prince and other Tales*, collecção de contos phantasticos; *Lord Arthur de Savile's Crime and other Stories*, nova collecção de contos; *Le Portrait de Dorian Gray*, romance; *Intentions*, estudos d'esthetica e outros; *The House of Pomegranates*, outra collecção de contos; *Vera*, *the Duchesse of Padua*, tragedia; *Lady Windermere's Fan*, comedia; *A Woman of no Importance*, comedia; *Salomé*, drama em um acto (escripto em francez para Sarah Bernhardt); *The Sphinx*, notação poetica de «amores frequentes e livres»; *Phrases and Philosophies for the use of the young*, artigos de revista; e ainda para theatro: *The Ideal Husband* e *The Importance of Being Earnest*.

Oscar Wilde em Oxford em 1878

Todas estas producções de gosto alto, mórmente as para theatro e *O retrato de Dorian Gray* (livro capitoso e subtil, nos primeiros capitulos sobretudo, que conta a paixão esthetica e confusa d'um pintor de genio por um adolescente «maravilhosamente bello com os seus labios escarlates finamente desenhados, os seus claros olhos azues, a sua annellada cabelleira d'oiro»), eram «biblias» de bom gosto litterario e mundano na grave e singular Inglaterra...

Mas nova embriaguez — a da excentricidade, e com ella o desejo violento, invencivel, inglez, de atordoar o publico — estriou no predisposto artista, que chegou a exagerar o exagero; exhibiu-se um dia no West-End com um «fato de pobre», sabiamente feito por um alfaiate celebre, e sabiamente rôto por um pobre pago. Tornou-se impertinente até á petulancia; na primeira representação de *Lady Wendermere's Fan*, o publico — «a flôr da aristocracia e da alta burguezia de Londres!», escreve e exclama J. Joseph-Renaud — chamou-o delirantemente. Fez-se rogado e maçado, apparecendo emfim, a rir, com um grande cravo verde a sahir-lhe d'entre o frak e o peitilho, e a fumar um cigarro... «Minhas senhoras e meus senhores, não é talvez muito correcto fumar deante de vós, mas... não é mais correcto tambem perturbar-me quando fumo»... D'outra vez, á pergunta parvinha d'um adepto: «que será o seu proximo livro?», respondeu negligentemente: «as historias d'alguns genios: a de Homero, a de Alexandre, a de Cesar, a de Shakespeare, a de Napoleão *e a da rainha Victoria*».

Elevára o paradoxo — ou a verdade paradoxal — ao culto antigo d'uma religião.

Exemplos (das *Intenções*):

«Uma das causas principaes da banalidade de quasi toda a litteratura actual é certamente a decadencia da mentira — considerada como arte, como sciencia e como prazer social. Os historiadores antigos diziam-nos ficções deliciosas sob a forma de factos; o romancista moderno descreve-nos factos estupidos á maneira de ficções.

... O mal que este falso ideal faz á litteratura difficilmente se avaliaria!

Fala-se de cadeira no *mentiroso-nato* e no *poeta-nato*. É nos dois casos um erro. A mentira e a poesia constituem artes — que, como o viu Platão, não deixam de ter suas semelhanças, e que exigem o estudo mais cuidadoso, a mais aturada e fina cultura.

...Balzac foi uma notabilissima combinação do temperamento artistico e do espirito scientifico; mas legou só este aos seus discipulos. O *Assommoir* de Zola e as *Illusions perdues* de Balzac differem como o *realismo imaginativo* e a *realidade imaginada*.

... Uma leitura assidua de Balzac transforma os nossos amigos (vivos) em sombras, e os nossos conhecidos em sombras de sombras. Os caracteres creados por elle vivem em chammas. Dominam-nos e desafiam a incredulidade. Uma das maiores infelicidades da minha vida é a morte de Lucien de Rubempré; nunca consegui livrar-me inteiramente da magua funda que ella me causou. Atormenta-me até nos meus prazeres. Até quando eu rio me lembro d'ella... Todavia Balzac não é mais realista do que Holbein. Creava vida, não copiava a Vida.

Oscar Wilde na America em 1883

...Raça degenerada, trocámos os nossos direitos de progenitura por um prato de factos.

...A Arte começa por decorações puramente abstractas, imaginativas e agradaveis que só se applicam ao irreal, ao não-existente. E' a primeira phase. Em seguida, a Vida, fascinada, sim, por esta maravilha, solicita entrada no circulo encantado. A Arte emprega a Vida como um dos seus materiaes brutos, cria-a de novo, forma-a de novo, e, de todo indifferente ao facto como facto, inventa, imagina, sonha, estylisa, conservando entre ella e a realidade uma barreira firme de bello estylo, de methodo ideal ou decorativo. A terceira phase vem quando a Vida toma a culminancia e afugenta a Arte para o deserto. Chega-se então a esta decadencia de que soffremos actualmente.

Considerae por exemplo o drama inglez. Primeiramente, nas mãos dos monges, a arte dramatica foi abstracta, decorativa, toda mythologica. Depois poz a Vida ao seu serviço, e com algumas das formas exteriores d'esta, creou uma raça de seres novos, novos de todo, com dôres maiores que as dôres humanas, alegrias maiores que as d'um amante! Seres que tinham a raiva dos Titans e a calma dos Deuses, peccados monstruosos e maravilhosos, virtudes monstruosas e maravilhosas! Deu-lhes nova lingua, sonora, musical, bem rythmada, solemnisada por cadencias nobres ou embalada em rythmos phantasticos, ornada com as joias da palavra esplendida, enriquecida por uma dicção pura. Transfigurou-os magnificamente—e, á ordem da Arte, o mundo antigo ergueu-se mais bello do seu tumulo de marmore. Um novo Cesar caminhou altivo pelas ruas de Roma resuscitada, e, velas de purpura e remos remando ao som da flauta, nova Cleopatra subiu o rio para Antiochia. Os velhos mythos e as velhas lendas tomaram forma. De novo a Historia foi de todo escripta, e os dramaturgos perceberam todos que o fim da Arte é—não a verdade, a simples verdade, mas a belleza composta, complexa.

...A unica escola para estudar a Arte é—não a Vida, mas—a propria Arte.

...Quem não prefere Platão á Verdade não deve entrar na Academia; quem não prefere a Belleza á Verdade não deve entrar no Templo da Arte.»

Ora este escriptor extraordinario, de tão nobre e original maneira pessoal, era sobretudo um artista da palavra falada, musical, viva. Quem não o ouviu, dizem competentes, não o conheceu.

Em New-York, Boston e Chicago, onde fizera, aos vinte e seis annos, mais de duzemtas conferencias sobre arte, parecera um Messias d'uma nova esthetica.

Mais tarde, em Paris, Bourget, Daudet, Barrès, Rollinat, Verlaine, Moréas, etc., deram-lhe um banquete. No fim, ao café, o grande litterato-dandy inglez, que conversára antes com pretenção e emphase, desafinando como de proposito as sensibilidades doentes dos francezes, commoveu-os tanto que alguns choraram... Como fôra aquillo?! (Arrancar lagrimas a homens de letttras!) Contando os amores de lady Blessington.

«Não se imaginava que a palavra humana pudesse revestir tal esplendor.» (J. Joseph-Renaud).

«Quando elle fala», confessava, «diz-se, uma grande dama, «vejo-o coroado por um nimbo d'oiro.»

◉

Por direito legitimo de genio e dandysmo elle era o summo pontifice da alta roda artistica e excentrica de Londres, tocada mais ou menos n'esse tempo por affectações esotéricas d'esthetismo.

N'essa roda morbida e ephemera destacava-se um poeta da mais alta nobreza d'Inglaterra: o jo-

Oscar Wilde, em 1884

ven e bello lord Alfred Douglas, filho do marquez de Queensbery.

Ora este singular marquez e pae gravou um dia com o diamante d'um annel, n'um grande vidro do *Albermale Club*, uma phrase curiosa e ignobil que feria o filho e Oscar Wilde...

O escandalo foi epico e sujo, um genuino escandalo inglez.

Desconcertado, mal aconselhado, burguez uma dos em tempo na *Pall Mall Gazette*) de homens que não eram menos que lords...

Debalde alguns amigos corajosos tentaram defendel-o e salval-o. Elle proprio se oppunha doidamente a toda a defeza razoavel. Fôra atacado —bebedeira ultima—pela esthesia hysterica do escandalo.

«Não posso resistir á tentação de vir a ser um forçado.»

Oscar Wilde

vez em toda a sua vida, casado com uma mulher encantadora (que morreu de dôr), pae de duas creanças adoraveis (CYRIL e VIVIAN, hoje sacerdotes), o auctor d'*O retrato de Dorian Gray* processou o marquez por diffamação! Este, insistente, accusou o artista d'actos puniveis pelo Criminal Law Amendment Act... E viu-se então a grande Inglaterra—que é tambem a hypocrita e algumas vezes a mizeravel Inglaterra—condemnar a dois annos de trabalhos forçados na cadeia de Reading o auctor d'*O retrato de Dorian Gray!* Vingava-se n'elle, que não era mais que um grande artista, dos sadismos brutos—brutos e impunes—(assoalha-

Leu-se no tribunal uma carta intima d'elle a lord Douglas em que se tratava da «musica dos beijos» e d'outros requintes ultra-litterarios:

—E' d'esta maneira que o réu escreve habitualmente a lord Alfred Douglas?

—Habitualmente!... Ninguem é capaz—ninguem, nem eu proprio—d'escrever cartas d'essas todos os dias.

—Emfim... esta carta é bem extraordinaria...

—Tudo quanto escrevo é extraordinario.

....

—Que coisas tem dito a respeito de Deus? (!)

—Eu disse que os mundos iam acabar porque

uma metade da humanidade não cria já n'elle e porque a outra metade não cria ainda em mim.

....

Grande indignação na velha Inglaterra! Além de perverso, troçar dos juizes e brincar com Deus!

Queimaram-lhe os livros. Uma populaça bestial e bebeda quiz queimar-lhe a casa. Pronunciar-lhe o nome era uma vergonha: chamavam-lhe «He», «elle». E tudo córou quando lord Douglas, que esmurrara o pae (auctor celebrado d'um codigo de *box*), atirou ao mesmo a *Balata do Odio*, que começa assim:

«A MEU PAE

Curta seja a vida do homem que odeio (que nunca elle tenha mortalha nem tumba!) Esperae e olhae, olhae e esperae, elle pagará a metade e o todo, já ou em breve, cedo ou tarde (o aço, o chumbo ou a corda de canhamo, e que o diabo lhe leve a alma!).

Negras são as noites, escuras as estradas (que elle nunca tenha mortalha nem tumba!)», etc.

A raiva monstruosa, verde, d'um estheta a fechar o caso reles e tragico—Queensbery-Wilde.

Na cadeia de Reading o poeta chorava. Chorou, durante um anno, todos os dias. Caracter fraco, d'exhibição, exageradamente artificial, passára de chofre da maior petulancia ao maior quebramento.

De Profundis, que escreveu na prisão, é uma epopéa de psychologia:

«Tres mezes passaram. O kalendario do meu comportamento e do meu trabalho de todos os dias, que tem o meu nome e a minha sentença, e está suspenso ao lado exterior da pequena porta da minha cella, diz-me que é maio...

... Tenho passado por todos os modos possiveis da Dôr. Melhor que Wordsworth, sei o que Wordsworth quiz exprimir com estes seus versos:

Suffering is permanent, obscure and dark,
And has the nature of infinity.

... As unicas pessoas em cuja companhia me seria agradavel encontrar-me agora são os artistas e todos aquelles que teem soffrido: aquelles que sabem que é a belleza, e aquelles que sabem que é a dôr.

...O logar de Christo é certamente entre os poetas.

...Shelley e Sophocles estão com elle. Mas a vida d'elle é o poema mais maravilhoso. Na «piedade» e no «terror» nada ha semelhante na tragedia grega.

...Antes do seu tempo, havia deuses e havia homens, mas, porque sentiu, pelo mysticismo e pela sympathia, que uns e os outros incarnavam n'elle, denominou-se, segundo os casos, o Filho de Deus ou o Filho do Homem... Seguramente, o encanto de Christo, quando tudo está dito, consiste em que elle é semelhante em tudo a uma obra d'arte... Uma vez ao menos na sua vida todo o homem vae com Nosso Senhor até Emmaüs.

...Estou cançado das formulas vaňs, articuladas, de homens e coisas. O Mystico na Arte, o Mystico na Vida, o Mystico em Tudo, eis o que procuro. E'-me necessario, absolutamente, encontrar isto em qualquer parte.»

Mas deixou a prisão—envelhecido e sem talento. A celebre *Balata da Cadeia de Reading*, que escreveu em França e assignou: C. 3. 3. (que fôra o seu *numero-nome* de forçado), é um grito d'ave ferida de morte:

«Com a meia noite sempre na alma, e o crepusculo sempre na cella, damos e damos á manivella, e desfiamos o trapo e a corda, cada um isolado no seu inferno, e este silencio é mais pavoroso do que o som dos sinos.»

E morreu em Paris, d'uma meningite, em 1900; e foi enterrado sob o pseudonymo de Sebastian Melmoth, que elle escolhera.

Na phrase vingadora, shakspeareana, de Harborough Sherard, que o defendeu n'um livro soberbo: «só restam d'elle alguns dentes furados, tapados a oiro, e as obras primas.»

Que foi, no dominio da psychiatria, este estranho artista? Um aberrado no senso genesico, e, por consequencia, um degenerado? Parece que não.

Parece sómente que foi um artista descommunal e mais ou menos hysterisado, que padecia principalmente d'um anachronismo: era um grego antigo que reduzia tudo, na arte e na vida, a maneiras d'arte...

O *crime* d'este homem foi um caso d'esthetica.

Tinha a psychose do estylo em tudo.

D'ahi o peccado.

Mas o que era um requinte para um grande artista na Athenas artista do tempo de Pericles, foi uma torpeza para um gentleman na Londres hypocrita da rainha Victoria.

D'ahi a cadeia.

Mas que tivesse sido um degenerado! A sua bella obra seria por isso menos preciosa?

O facto de Ribera ter sido um bandido empana a grandeza dos seus Prometheus?

Quer a Inglaterra que Pindaro, Sapho, Cicero, Miguel Angelo, Shakspeare, Byron, etc., etc., mettam attestado de «bom comportamento moral, civil e religioso?»

JOSÉ DE LACERDA.

Oscar Wilde, em 1892

Sé Velha de Coimbra antes da restauração

D. Sisnando e o romaico Coimbrão

O conde D. Sisnando descendia, com muitas probabilidades, de algum antigo conde godo senhor de varias terras e castellos de entre o Douro e o Mondego. Parece que os mouros respeitaram esta familia illustre e poderosa, conservando-a na posse de parte de seus bens. É o que se collige do testamento de D. Sisnando, em que este declara haver herdado a villa de Tentugal de seus paes.

O padre Marianna accusa este grande patriota de haver pelejado com os musulmanos contra os christãos!

Lafuente, mais imparcial e erudito, explica como elle se encontra subitamente ao serviço de Eln-Abed, emir de Sevilha. Diz que na sua mocidade cahira prisioneiro d'este emir, provavelmente durante a rivalidade e luctas dos pequenos estados mahometanos entre si.

Levado para a côrte de Sevilha, o emir encontrou n'elle tanto engenho e merecimentos, que lhe confiou importantes cargos. Depois fel-o seu conselheiro intimo, a fim de o consultar ácêrca dos negocios do seu governo. Affirma Lafuente que D. Sisnando se elevou no conceito de Eln-Abed por *suas luzes* e merito.

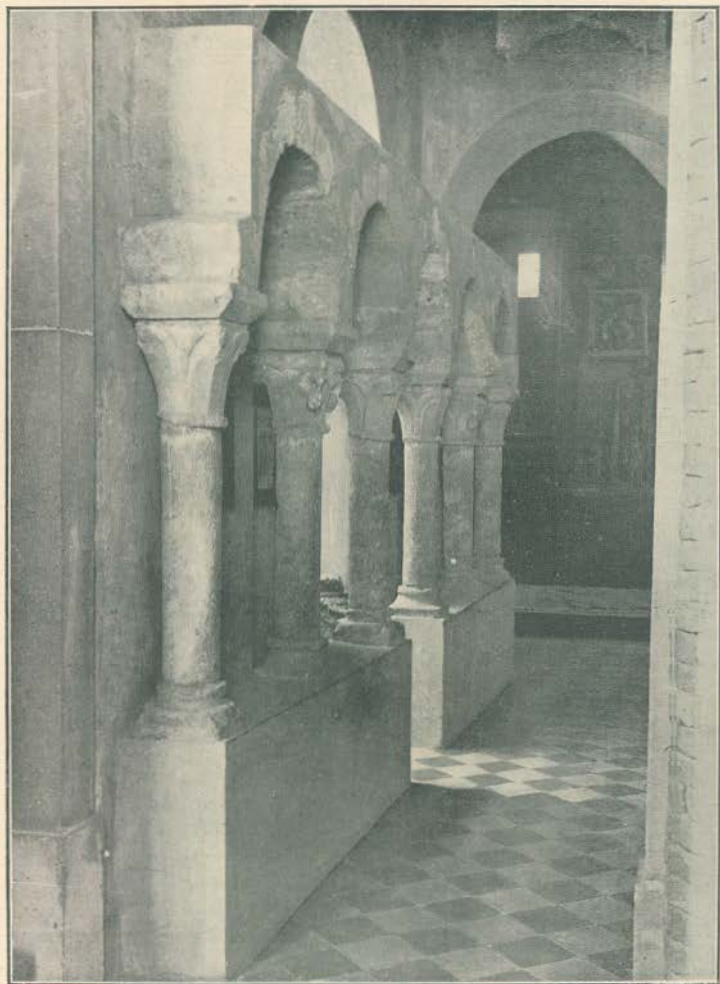
Vê-se, pois, que era um homem de excepcional talento, e culto ao mesmo tempo. Todos os chronistas e documentos da epoca confirmam a sua erudição. O seu epitaphio desenha-o bem em poucas palavras: «Grande baron, sabedor e muyto eloquente, avondado e rico».

O padre Marianna, que o trata com despreso, confessa que era muito entendido das coisas dos mouros, diz elle, e da sua maneira de pelejar. Lafuente é mais explicito, dizendo que elle era mui sabedor da religião, costumes e lingua dos arabes, e, portanto, da sua litteratura. Um erudito para a sua epoca.

Todos os seus contemporaneos, incluindo Affonso VI de Castella, prestam homenagem á sua pericia e valor militar. Grande capitão lhe chamavam os do seu tempo.

E assim, n'este personagem singular como o classifica Lafuente, reuniram-se aptidões de estadista ou de governo; de homem de sciencia, de homem de lettras e de guerreiro!

Na côrte de Sevilha teria completado a sua educação intellectual, ou scientifica e litteraria; e ter-se-lhe-hia desenvolvido o gosto pelas bellas artes que depois revelou em Coimbra.

Tudo nos leva a suppôr que os monges de Lormano, ou Lorboon, se entenderam secretamente com D. Sisnando antes de resolverem enviar uma deputação a Fernando Magno, pedindo-lhe viesse libertar Coimbra.

Arcos do claustro de S. João de Almedina

Os chronistas e historiadores hespanhoes, com a sua mania persistente de occultar os feitos illustres dos portuguezes, explicam a entrega do governo de Coimbra a D. Sisnando unicamente com o conhecimento que elle tinha dos arabes.

A *Chronica de Hespanha*, mandada publicar por Affonso, o Sabio, attribue a tomada d'aquella cidade aos conselhos e valor do Cid, que pediu para ser armado cavalleiro se levasse a effeito tão arriscada empreza. Não fala nem do conde D. Sisnando, nem dos monges de Lorvão! Lafuente limita-se a dizer que aquelle em Sevilha pôz-se em communicação com D. Fernando, mas sem designar em que sentido. Nem uma palavra ácêrca dos actos de valor por elle praticados no cêrco de Coimbra! Referindo-se á fuga de Sevilha, frei Antonio Brandão escreve o seguinte:

Nave central da Sé Velha

«Fez volta á terra de Coimbra, *trazendo em seu animo traçada uma empreza tão notavel como foi a de Coimbra*, a qual persuadiu com evidentes rasões a el-rei D. Fernando. Ajudaram tambem com suas offertas e avisos os monges de S. Bento de Lorvão, o qual se conservou na ruina de Hespanha sem ser destruido pelos arabes. Deu Sisnando taes mostras de esforço e pratica militar n'esta conquista, que julgou el-rei D. Fernando, depois de ganhar a cidade, que a elle se devia commetter a defensão d'ella»

Essa é que é a verdade.

S. Salvador—Columnas do interior

O conde D. Sisnando não recebeu unicamente o governo do districto conquistado, mas o senhorio d'elle, honra que só por feitos heroicos era concedida n'esses tempos.

Na doação que fez ao presbytero Rodrigo, D. Sisnando precisa o territorio, cujo senhorio lhe foi dado em recompensa dos serviços prestados na conquista de Coimbra. Ahi declara que D. Fernando lhe fizera doação do senhorio de Coimbra e de todas as cidades e castellos que estão no seu circuito, isto é, desde Lamego até o mar, seguindo para o sul pela margem do Douro até aos limites que possuem os christãos, as quaes terras lhe foram dadas para as repovoar e n'ellas edificar. Affonso VI confirmou esta doação na presença dos condes e grandes da sua côrte.

Senhor do districto de Coimbra, D. Sisnando revelou no seu governo o pensamento patriotico que o moveu a fugir de Sevilha, talvez depois de se haver entendido com os monges de Lorvão e com D. Fernando.

A sua politica consistiu em crear novas fontes de vida e de riquezas no seu condado, de modo que elle formasse o primeiro nucleo da futura nacionalidade portugueza.

Attraiu povos de fóra, edificou muitas povoações, levantou outras das suas ruinas, erigiu fortes e castellos para defeza do territorio, e muitos templos e egrejas para o culto divino. Impulsou a agricultura, dando garantias e privilegios aos que mandou vir para as suas terras, e elevando seus vassallos á classe de *solariegos*, porque foi este o systema então seguido pelos senhores de Hespanha em seus dominios (Lafuente).

Ao mesmo tempo cuidou de desenvolver a mentalidade do povo lusitano que ficou sob a sua tão sabia administração. No paço episcopal instituiu um seminario para a educação do clero e da j

Um arco das arcarias de S. João de Almedina—No 1.º plano restos das columnas antigas do portico da Sé Velha

Sé Velha depois da restauração

ventude. Foi o primeiro centro scientifico e litterario criado em Portugal, e, coisa notavel, em Coimbra, que desde então por diante foi tida pela lusa Athenas!

A essa iniciativa e impulso do culto D. Sisnando se devem os cursos abertos no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra durante os primeiros reinados.

Esse pensamento do conde D. Sisnando coincide com o de D. Diniz ao fundar a Universidade. Desejou formar um centro intellectual n'essa unidade politica e administrativa por elle estabelecida e organisada em territorio lusitano, e que foi o inicio da nossa futura nacionalidade.

Diz Lafuente: «Sisnando governou sabiamente aquelle territorio (districto de Coimbra) fazendo-se respeitar tanto por musulmanos como por christãos».

Todos são unanimes em louvar o governo d'este homem celebre, que teve o dom de conquistar a estima e admiração de todos os monarchas a quem serviu. Já vimos como o considerava Eln-Abed; Fernando Magno cobriu-o de honras e distincções e Affonso VI não cessa de lhe testemunhar a sua viva sympathia e carinho.

N'uma das escripturas do livro das doações antigas da Sé de Coimbra lê-se o seguinte:

«Entrou el-rei D. Affonso no reinado de seu pae, o qual amou muito o conde Sisnando.»

«D. Sisnando, escreve o dr. Filippe Simões, distinguiu-se tanto na guerra como na paz, defendendo valorosamente o districto que lhe havia sido confiado, e promovendo com ardor a povoação e a cultura de muitas terras e *edificações importantes*. É o que se collige do foral dado por Affonso VI a Coimbra, de outras escripturas, e mais em particular da doação que fez ao abbade D. Pedro da herdade, ou casal, de S. Martinho do Bispo, para que a povoasse e edificasse».

Na doação que D. Sisnando fizera da egreja de Cantanhede ao sub-diacono Lourenço diz terminantemente que restaurou a cidade de Coimbra e seu termo *com todo o necessario*, e a aprestára com segurissimas fortalezas e *cuidadosamente* a fizera povoar com gente christã de diversas partes.

Se restaurou Coimbra com tudo o necessario, isto é, tanto para a boa administração, como para a sua defeza e para o culto divino, é porque n'ella edificou todos os seus templos e egrejas. Foi mesmo este um dos primeiros e principaes cuidados do conde D. Sisnando. Depois de haver dotado a cidade de Coimbra com todos os templos necessarios para o exercicio e esplendor do culto, mandou erigir egrejas por todo o districto. Assim o affirma o abbade Pedro na doação que fez á Sé de Coimbra da egreja de S. Julião da foz do Mondego.

Em presença de tantas provas e de testemunhas contemporaneas o dr. Filippe Simões avança que a Sé velha e S. Christovam, os dois mais bellos e importantes monumentos de Coimbra, não são obra de D. Sisnando, mas de Affonso Henriques!...

Aquelle tem o cuidado de mandar construir egrejas por todo o districto, e abandona e despreza Coimbra e a egreja principal, ou a Sé! Comprehende-se isto? E quaes foram então as *edificações*

Portico da egreja de S. Thiago

importantes que lhe attribue o dr. Filippe Simões?

Já que este auctor desmente o illustre governador de Coimbra, que affirma ter dotado esta cidade com todo o necessario, invocaremos a opinião insuspeita de um estrangeiro. Diz Lafuente: «Sob a administração d'esta personagem singular Coimbra engrandeceu-se e embellezou-se com monumentos magnificos».

Os commentadores do padre Marianna asseveram que, segundo as chronicas antigas, e no tempo de Fernando Magno, o tão afamado Cid foi armado cavalleiro na mesquita maior de Coimbra, depois da sua purificação, quer dizer da sua restauração; e que n'essas chronicas vem a descripção do cerimonial observado. Encontra-se na de Affonso o Sabio acima referida.

Se o espaço nos permittisse, poderiamos adduzir muitas outras provas de que a sé velha de Coimbra foi restaurada pelo conde D. Sisnando. No tempo d'este illustre varão estava em moda a architectura greco-bysantina, ou romaica, quer na Inglaterra, quer na França, quer na Italia, e quer na Hespanha. A ella deu brilhante impulso no territorio portuguez.

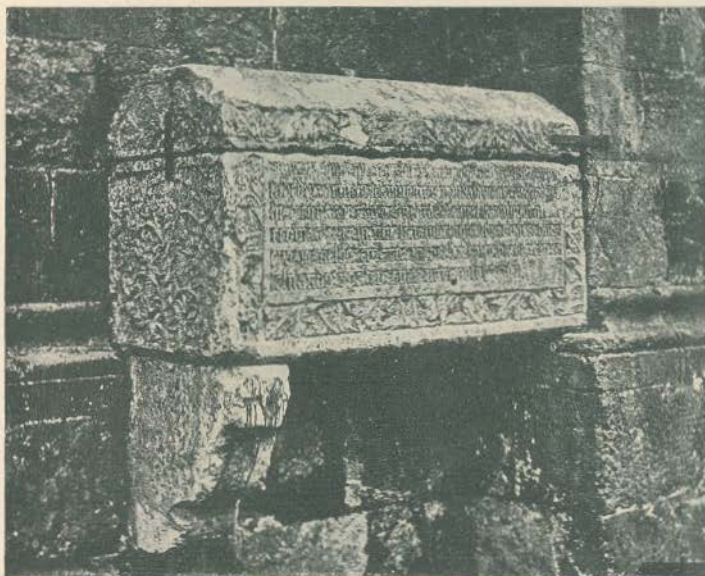
A Sé velha, a egreja de S. Christovam, hoje demolida; S. Thiago e a egreja de S. João d'Almedina, tambem demolida, e da qual se conservam as formosas arcarias dos claustros no Museu de Coimbra, são monumentos que honram o governo do conde D. Sisnando, e attestam o seu bom gosto artistico. Criou um estylo proprio do romaico, ou o estylo coimbrão. A sé velha, já no seu aspecto exterior em fórma de castello; já na arrojada concepção das suas abobadas, collocadas aos lados e umas por cima de outras em perfeito equilibrio e estabilidade; já na bella distribuição da luz, já na elegancia e ligeireza da construcção, e já, finalmente, na fórma e themas de ornato dos capiteis, é um templo romaico *sui generis* e unico na Europa.

D. Sisnando interessou-se tanto pelas suas construcções, que em seu testamento deixou importantes legados para a conclusão das obras que estavam em começo. É mais uma prova do seu amor pelas bellas artes.

Os seus palacios eram adornados com vasos de ouro e de prata valiosissimos e com ricos tapetes, como o attesta o seu testamento. Um cultor das bellas artes.

Não foi sómente a architectura que este illustre varão fez florescer no seu pequeno estado, mas tambem a ourivesaria e a arte ornamental. Destinou duas partes dos seus vasos de prata ao fabrico de cruzes, calices e copos para a egreja de Milreos; e legou todos os seus vasos de ouro para se fazer uma sumptuosa cruz, em que se devia collocar um santo lenho que estava na sé. Sob a sua administração o districto de Coimbra resurgiu com todos os esplendores do alvorecer de uma civilisação.

Grande homem!

JOSÉ D'ARRIAGA.

Sé Velha—Tumulo de D. Sisnando

Santa Izabel e os festejos de Coimbra

Não ha dias de mais ruidosa alegria do que os que se passam nas festas á gloriosa esposa de D. Diniz.

E de longa data assim é.

O culto da Rainha Santa foi sempre, por um phenomeno singular, o dos reis e principes como o do ingenuo povo de Portugal.

Dizem antigas chronicas que, quando estava para acontecer desgraça grande, se ouviam sahir do tumulo de D. Affonso Henriques, em Santa Cruz, gritos temerosos, e a espada e o escudo, que trouxera em vida e estavam em grande veneração junto ao altar-mór, se desprendiam e cahiam ao

Tumulo de prata da Rainha Santa

chão, como envergonhados de que não houvesse um braço forte que pudesse brandil-os.

Sobre a arca de pedra que tanto tempo encerrou a mumia da Rainha Santa collaram-se frementes os labios de D. Catharina, esposa que foi de D. João III, em receio de deixar sem successor o reino, e em tal rapto a viu o bom André de Rezende que não poude tolerar o velho officio que rezavam as freiras e fez um para ser cantado que offereceu á avó de D. Sebastião.

Quando D. Sebastião veiu a Coimbra, nos altos sonhos de gloria em que andava, muito tempo esteve ajoelhado ao pé do tumulo. o que foi pelos collegiaes do collegio de Jesus posto então em bellos versos gregos e latinos.

Dizem os que lhe recitaram na occasião em que visitára o collegio de Jesus, que ella lhe segredára a fama heroica dos reis de que descendia e o incitára á guerra de que lhe predizia a victoria.

Mais tarde porém, depois da derrota, versos e enigmas dos jesuitas, em festas escolares, affirmavam no mesmo latim correcto que a voz da Rainha Santa chorára e lhe annunciára a derrota.

A adorar a reliquia do seu corpo corriam os maiores doutores da Universidade, em prestito solemne, precedidos de archeiros e charamellas.

E muito discreteavam em prosa e verso, gravemente, os bons doutores.

O povo adora-a desde a hora em que morreu.

E até hoje tem chegado o favor da côrte, o interesse dos eruditos pela sua vida, o enthusiasmo e crença popular nos milagres que faz.

Ao culto dos reis deve-se a imagem, obra primorosa de Teixeira Lopes, doada á cidade por sua magestade a Rainha.

Ao estudo dos eruditos a obra monumental do meu amigo dr. Antonio Ribeiro de Vasconcellos e os estudos mais recentes de Emmanuel Cosquin na *Revue des questions historiques*.

Andor da Rainha Santa

E é cada vez maior no povo portuguez o culto enternecido pela Rainha Santa.

E é mais tocante do que a devoção da côrte, ou a discussão dos eruditos, o culto popular da Rainha Santa, producto de uma elaboração secular e continuada, impregnado da carinhosa sentimentalidade portugueza, cantando n'uma adoração piedosa a lenda dourada da sua vida de amor, tranquillamente passada n'uma atmosphera de milagre, sem olhar ao que d'ella escreviam os chronistas, sem respeito pela obra grave dos theologos.

O povo portuguez nunca precisou de auctorisação de Roma para pôr os seus santos no altar e vê-os, na sua adoração, com todas as caracteristicas da sua raça.

Santo portuguez teve sempre uma alma portugueza, bem differente ás vezes da que lhe consagrou o culto, e nunca houve, em terras de estranhos, santo do seu tempo que se lhe pudesse comparar.

Se de algum se conta milagre grande de espantar, ou doce episodio que ponha commovidamente a scismar a sua alma enternecida, logo o povo os vae buscar para enfeitar a vida de um santo portuguez com tanta fé que cita testemunhas e chega a marcar a hora e o logar em que se deu aquelle lindo caso.

Santo portuguez sempre foi como o fez a alma popular.

Que importa ao povo o que diz o Papa, tão longe do seu terno e simples coração!

De S. Francisco se conta que era um santo novo, de olhar escuro e ardente, a face dourada como o ambar, os labios sempre a sorrir, ingenuos e vermelhos como os dos meninos, quando humedecidos ainda por uma gotta do leite maternal.

Sempre alegre e sempre coroado rei nos banquetes da sua mocidade.

Nunca perdeu o geito de rir e não gostava de quem não mostrasse aos outros cara prazenteira.

Se até ás avezinhas do ceu falava como se fossem creaturas de Deus!

Contam historias, de que se fizeram na terra livros grandes, que um dia, ao recolher a casa, parava a ouvir a chilreada que, na melancolia do crepusculo faziam os passaros n'uma tilia grande em que costumavam passar a noite, e entrou a prégar aos passarinhos.

Quem viu, veiu depois contar que nunca S. Francisco fôra ouvido com tanta attenção e tanto respeito pelos homens como pelos passarinhos que o escutavam de azas descidas, a cabecinha de lado, o olho preto e redondo voltado para o santo, o bico aberto, muito admirados d'aquellas palavras novas.

Santo Antonio era o seu companheiro mais amado, mas, dizem os livros, era mais triste, sempre em ira contra os herejes.

Pois sim! Bem quer saber o povo do que dizem escripturas...

Em Portugal S. Francisco é um grande santo, é; mas nada alegre, mirrado, a côr amarellecida, a barba negra e descuidada, o habito a amortalhar-lhe o corpo, feio de metter medo, o olhar espreitando da sombra dos altares na ferida das palpebras colericas e sangrentas; que não andam magoados de doce chorar aquelles olhos seccos e duros.

E dizem-no as chronicas alegres...

Quem era alegre, quem tinha sempre uma palavra boa até para os animaes, era Santo Antonio que os livros pintam de palavra dura, sempre prompto a inflammar-se contra herejes.

E dizem os livros que era triste o santo portuguez, triste elle que nunca deixou passar á sua beira rapariga bonita para quem não tivesse um gracejo, a quem não pedisse a esmola de um sorriso.

Asceta Santo Antonio! Bem crê n'isso o povo portuguez. Isso é bom para quem saiba ler e acredite em escripturas...

Alegre, muito alegre é que elle era.

E bonito, gordo e córado, como um rapaz forte do nosso povo, a corôa de cabellos bem tratada, de muita vista na agua das fontes quando não havia um olhar humido de rapariga; que gostavam sempre mais de mirar-se n'ellas olhos namorados de portuguezes que na agua das fontes e ribeiros.

Que importa o que dizem as chronicas? Santo portuguez ha de ter uma alma portugueza, ser muito de rir e de folgar, ter uma historia de amor que lhe diga a mal, em dia em que o seu sorriso não foi tão doce, em que o milagre não veiu ao encontro do nosso desejo.

E, quando o povo em Portugal diz que alguem é santo, é escusado virem theologos a querer provar que o não é á moda portugueza.

Santa Izabel era já adorada em vida e, mal morreu, foi logo para o altar.

E lá ficou. Tres vezes cem annos andaram em sabias inquirições os altos doutores de egreja a saber-lhe da vida, a authenticar-lhe os milagres.

O povo não esperou tanto tempo, e coisa de ou-

Imagem da Rainha Santa conservada em Santo Antonio dos Olivaes [Seculo XVI]

vir que se contasse e falasse á alma portugueza era milagre certo que o povo attribuia á Rainha Santa e authenticava sem mais formalidades.

E mais tarde acabaram os doutores da egreja por dizer que não sabiam d'onde o povo houvera noticia d'aquelles lindos casos que contava em linguagem de tanta verdade, que por força deviam ter assim acontecido.

E eram esses milagres que o povo gostava mais de ouvir ..

Quando o povo diz em Portugal que alguem é santo, elle fica-o sendo com a alma portugueza.

E é canonisado sem mais formalidades, sem que o povo se lembre de pedir auctorisação ao Papa.

Já o bom Bayam se queixava de que nunca os de Portugal foram os mais cuidadosos n'esta parte, sendo-o em tudo o mais.

Nas imagens da Rainha Santa, que o povo mais gosta de adorar, figura ella fazendo o milagre das rosas que já o douto Pespiniano considerava no seculo XVI como interpolação popular e a que o sr. dr. Antonio Ribeiro de Vasconcellos, na sua obra recente, deu a mesma qualificação.

Bordão offerecido á Rainha Santa na sua peregrinação a Santiago

Assim foi representada no altar do convento velho em tempo de D. Manuel; assim a representa o retabulo de Cellas, que hoje é reproduzido pela primeira vez, curiosa pintura do renascimento, conservada em Santo Antonio dos Olivaes desde a extincção do convento de Cellas pelos cuidados do meu amigo, sr. conego Prudencio Garcia.

E' ainda no milagre das rosas que figura na custodia, pertencente ao convento de Santa Clara, obra da renascença que é tambem publicada hoje pela primeira vez e que de varias pessoas é conhecida.

Custodia de Santa Clara seculo XVI)

No milagre das rosas foi representada no quadro das capellas de uma das naves lateraes da Sé Velha, que a representa com o trajo da côrte do seculo XVII.

Apezar de apocrypho é este o milagre que mais fala á alma portugueza.

Foi assim que a representou tambem, obedecendo á tradição, Teixeira Lopes na bella e tão admiravel imagem offerecida por sua magestade a Rainha sr.ª D. Amelia.

É todavia muito variada a iconographia popular, e as antigas imagens de devoção nem sempre representam o milagre das rosas.

A curiosa gravura em pergaminho, que reproduzimos, ingenuamente illuminada representa-a a dar esmola aos pobres, n'um encanto fortuito de intenção decorativa com o quadro de João Corrêa.

É do seculo XVII, como a gravura que reproduzimos a seguir e a representa com o seu bordão de peregrina, cheia de rosas a abada do habito que vestiu desde que se finára el-rei D. Diniz, d'aquella dôr com que Deus quiz que se cumprisse seu tempo.

Ainda da nossa collecção tiraremos essa pequena imagem do seculo XVIII.

Esta rara imagem tem ao fundo a lenda do pagem da rainha, outra interpollação de uma lenda indiana, importada pelos dominicanos e reproduzida quasi litteralmente por frei Marcos de Lisboa no *Promptuarium exemplorum*, de Martin Strebski, morto em Bolonha em 1278.

Assim o demonstrou concludentemente, em estudos recentes, Emmanuel Cosquin.

Mais uma vez se confirma o que dissemos sobre o caracter religioso do povo portuguez.

O milagre falava á sua sentimentalidade, tanto bastou para que o povo o authenticasse.

E houve logo um bispo do Porto para affirmar que fôra no convento velho de S. Francisco que o pagem escapára a ouvir missa e hoje a gente do povo affirma convenci-

Imagem de prata que pertenceu á Rainha Santa

da que foi n'um dos fornos de cal que se vê perto do convento que o facto se deu.

Sem valor artistico são as imagens mais modernas que os romeiros levavam das festas e que se seguiram ás que publicamos antes da reproducção da imagem de Teixeira Lopes, que hoje elles trazem no chapéu desde o primeiro dia das festas, a quinta-feira, em que ao entardecer vem a imagem para o templo de Santa Cruz, n'uma procissão nocturna, por entre ondas de povo que a vê pasmado, branca como uma apparição.

É na vespera da procissão que vem mais gente e pela cidade fica dormindo ao sereno.

A noite, no parque de Santa Cruz, o festival nocturno junta muitos milhares de pessoas no scenario encantado do velho parque, na escuridão mysteriosa das arvores antigas em que brilham os balões de côr como crystalisações iriadas a denunciar uma mina escondida de pedras preciosas.

Ao meio do lago, na ilha em que antigamente floresceia todo o anno uma larangeira, no symbolismo classico dos jardins das Hespérides, dançam alegremente rapazes e raparigas a dança alegre e o cantar magoado da gente de Coimbra.

É impressão que se não explica.

O povo anda toda a noite vagueando pelas ruas illuminadas.

Pela manhã, quando a egreja começa a acordar, veem, leves como sombras, as mulheres de uma delicadeza extranha que ás vezes nos surprehendem nas ruas frescas e estreitas de Coimbra e nos deixam a scismar quando passam graves e silenciosas.

Parecem de marfim, brancas, com um traço leve de carmim nos labios, como era a Virgem Nossa Senhora, que da India traziam os navegantes ás noivas, que tinham deixado tristes, a esperal-os nos campos floridos de Portugal.

Os seus cabellos louros são finos como a filigrana de ouro que cobre do capricho das flôres as joias das senhoras.

O seu collo fino parece vergar ao peso do seu delicado fio de ouro.

E ao pé dos seus cabellos parece sujo e grosseiro aquelle ouro de que se fazem as corôas das rainhas.

O chale dá aos seus hombros a caricia delicada da curva das azas fechadas das rolas.

Santa Izabel (illuminura em pergaminho)

Teem no andar a ondulação das hastes finas das flôres á caricia dôce do vento da primavera, e seu corpo deslisa suavemente como a sinuosidade melancolica do Mondego.

A sua carne é assim tão alva do mysterio da sombra das ruas pequeninas e estreitas de Coimbra, em que se cria longe do sol, como as seáras brancas com que se enfeitam os altares. Junto das ruinas do renascimento que dão ás ruas de Coimbra um aspecto tão pittoresco, parecem figuras descidas dos quadros gothicos, princezas encantadas que vivem a sonhar um sonho da renascença.

É vêr o encanto senhoril com que arrastam a chinella bordada e pequenina, mal segura na ponta do pé como o sapatinho, que, n'um conto de fadas, perdesse uma menina que, por pouco sahir da casa chamavam, as invejosas, a *Gata borralheira*.

Mal o viu, disse logo enamorado um principe que quem o calçava tinha um pé de rainha.

E não é maior a chinella bordada e pequenina que a tricana traz, para não sujar na terra a ponta do pé, que mal pousa sobre o chão.

Cedo desapparecem e nunca mais se vêem senão nas tardes tristes da quaresma.

O povo das aldeias invade as ruas até á hora da procissão.

A procissão vista da Portagem com a rua da Calçada toda em festa, de cobertas vistosas de seda, já em sombra, deixando vêr ao fundo, ainda illuminado, o começo das ruas do Visconde da Luz e do Corpo de Deus é sempre de um maravilhoso espectaculo.

Do rio levanta-se uma aragem fresca, e no céo polido as bandeiras perdem pouco a pouco o ar queimado do sol e da poeira e tomam tons frescos e lavados.

Depois de tantos dias de festa o olhar fatigado quer descançar e repousa nas côres alegres do bairro de Santa Clara em sombra, com as verduras frescas dos choupos e salgueiros.

Ao cimo da multidão suja e negra apparece a imagem de tons suaves e apagados, como a visão artistica de um illuminador antigo; vem-se approximando debruçada sobre o povo, n'um andor pequenino, a cabeça dobrada n'uma attitude carinhosa, o corpo curvado, encolhido como ficou, quando deu de chofre com o rei e elle lhe perguntou o que levava no regaço.

Ao passar do sol, fica escura como uma sombra. Vae andando e vae readquirindo a côr.

Caem de joelhos as mulheres: é o pallio que sae da Calçada quando a imagem entra na Ponte.

Nem sombra de sol. Ha um silencio religioso.

Entre as barras azuladas das guardas da ponte accumula-se o povo, fazendo como um festão, uma barra de tapeçaria.

A Santa vê-se ao cimo destacando na verdura dos choupos e salgueiros. Vae a desapparecer o pendão, tufado pelo vento como uma vela de navio. Pouco a pouco a dobra côr de rosa do forro do manto torna-se violeta como elle, mais tarde cinzenta; e por fim a imagem apaga-se como um perfume, ficando apenas a alvejar ao cimo o véu branco que lhe cobre a cabeça e os hombros.

Ouve-se uma musica regimental, passa o regimento, a multidão a dispersar suja outra vez o largo... e vae-se o enlevo d'aquelle fim de tarde a que dão um encanto mysterioso o sentimento popular e a arte de Teixeira Lopes.

Na obra de Teixeira Lopes vê-se passar o martyrio de todos os artistas a sonhar. Gothica pela linha que elle surprehendeu na Virgem do Pilar, a imagem querida da Rainha Santa, que hoje se conserva no museu episcopal, é renascença pelo perfil suave, delicado, amoravelmente acariciado pelos linhos brancos, rosto de mulher que parece sonhado por Dovatello e ter sahido d'um subtil e delicado baixo relevo para tomar vulto e se transformar em estatua, conservando a mesma delicadeza de linhas, a mesma finura de modelação, o mesmo vago d'aquelles maravilhosos baixo relevos que parecem esculpidos n'uma nuvem transparente.

Na estatua de Teixeira Lopes ha, ao lado do que descobriram artistas antigos a sonhar, a consagração de tudo o que ha de mais moderno — o amor do symbolo, a reconstituição historica, a adoração da fórma, o culto da côr.

Conhece o valor dos tecidos, a sua flacidez, o seu brilho, como um grande esculptor da renascença; conhece a vida e a fórma, como o primeiro dos esculptores modernos.

Feita com a minucia paciente, demorada e trabalhosa que a esculptura moderna inventou na multiplicação dos planos e na sua graduação complicada e difficil, de modo a dar na estatua *o valor* differente que teem as carnes e os tecidos, estudada mais detalhadamente nos mais pequenos pormenores da reconstituição historica da lenda, concebida n'uma linha antiga cheia de movimento, esta obra d'arte, de um trabalho difficil e complicado, parece simples e feita sem esforço.

Não é a Santa de uma pesada chronica do seculo XVII, é a figura ingenua e simples d'um romance popular antigo.

Tão simples, parece sonhada pelo povo e *concebida* por uma mulher.

É uma Santa a viver a vida antiga d'um velho romance, como o que fez Alberto de Oliveira e que até hoje tem corrido anonymo:

As suas falas são doces,
São como fios de mel;
Deita esmolas ás mãos cheias,
Áquelle povo fiel
E o ouro não tem medida,
E o cobre cae a granel.
Já ao chagado da lepra
Lhe não queima tanto a pelle;
E os velhos se choram inda,
As lagrimas não têm fel
Porque abençoam a Santa
(Gritam todos) Santa, Santa
Rainha Dona Isabel.

Mas eis El-rey que apparece,
Que vinha de passeiar,
Com sua côrte brilhante
E eil-o a Rainha a saudar:
Que fazeis Senhora minha,
Com essa gente a gritar?
Porque saístes sósinha,
Que vos podem fazer mal?
Que esconde vosso regaço,
Rainha de Portugal?
E a Rainha, que não ousa
Sua humildade mostrar
A El-rey responde logo:
Eu ia pelos caminhos,
Ia só a passeiar:
Tolheu-me este pobre povo
Que me estava a festejar;
E o que levo no regaço
São flôres de bom cheirar.
Logo se abriu o regaço

Busto da estatua jacente do tumulo de pedra da Rainhha Santa

Por milagre de pasmar,
E do ouro, prata ou cobre
Não havia nem signal,
Eram tudo lindas flôres
As mais lindas do logar,
Que por milagre divino
Ali vieram brotar.

Lá vae a Rainha Santa
Com El-rey de Portugal,
Na cabeça da Rainha
Um resplendor a alumiar.
E' feita do ouro e da prata
Com que ella andava a esmolar.
O resplendor brilha tanto
Sua luz é de cegar:
Lembra a Rainha uma Santa
Postinha agora no altar.

Rua do Visconde da Luz—A paragem da procissão na Portagem—A chegada dos romeiros—A' sombra, n'um jardim publico—Entrada da calçada—Antes da passagem da procissão—Rua do Grao

Não é a esculptura complicada de Teixeira Lopes a figura simples do antigo romance popular?

Que simplicidade! Nem um bordado no seu chapim de seda, nem um annel. D'ouro só a sua corôa, bordado só o seu rico manto de rainha que o cotovello esquerdo, fraco, meio levantado, tem difficuldade em fazer andar.

Que emoção franca e simples que ella desperta e que complicadas coisas que se vêem, quando se estuda de perto a estatua.

No rosto macerado passa a tristeza da sua vida triste, sempre no meio das luctas do marido e dos filhos, a nobreza da sua alma, a submissão ao senhor, a pena de ter mentido.

A attitude traduz um mundo de idéas. Anda-se á volta d'ella e não ha a repetição d'uma linha, sempre effeitos novos conseguidos com uma grande simplicidade.

De frente vê-se parada e tremula adeantando-se para o rei. O manto, que ella cingiu mal viu o rei, para occultar as flôres, está ainda agarrado ao corpo, deixando vêr a tremer o seu seio direito, peito de Santa, redondo e duro como o de uma Virgem.

Quando viu el-rei, fechou o regaço, apertando os braços contra o corpo. El-rei falou e a ella cahiram-lhe sem forças as mãos, toda a tremer, os braços agarrados ao corpo.

Passou um vento mais frio que lhe agitou o véu e lhe descobriu o rosto.

Caminhando para o lado esquerdo d'ella começa a apparecer n'uma linha curva desde a cabeça aos pés a sua submissão humilde ao marido.

No lado direito, uma linha gothica bem achada traduz a fraqueza d'aquelle corpo que mal póde arrastar o manto que desce para traz em pregas muito ricas, manto de rainha que enche de nobreza a estatua.

Deliciosa a linha quebrada que formam a perna e o braço direito, linha d'um grande sabor antigo.

O corpo está modelado com amor, apalpa-se por baixo dos tecidos, é um corpo magro de Santa, muito elegante, esguio e fino, levemente accentuado nos seios, em linhas simples, em pregas delicadas e sobrias no braço esquerdo, na curva da perna direita e no pé, pé aristocratico, longo e magro.

O saber encontra-se a cada passo, nos tecidos bem apalpados, bem vistos e bem pezados.

Cortando em cima rigido n'uma linha quebrada o manto, Teixeira Lopes *sublinhou* a finura dos linhos que lhe envolvem as carnes delicadas, accentuam por uma forma muito artistica a doçura e a delicadeza da physionomia.

As duas prégas do manto que descem do hombro direito e vão perder-se no regaço modelam e affagam o busto da Santa que parece adeantar-se n'um ruido surdo de sedas pezadas.

A linha que traduz o movimento do lado direito serviu tambem ao artista para descrever a fraqueza d'aquelle corpo de Santa que tanto se revella no cotovello saido e levantado a suspender o manto, na delicadeza da côxa, na magreza do pé longo e fino.

Teixeira Lopes conhece como ninguem a belleza do corpo feminino; vê-se nas mais pequenas coisas a sua adoração d'artista pelo corpo da mulher.

Veja-se o cuidado com que o véu lhe cinge a cabeça e lhe acaricia o collo. E' tão delicado que não parece trabalho das mãos. Lembra que fosse modelado pelo vento.

E como elle comprehende o movimento, a vida da carne, a vibração musical das linhas finas d'um aristocratico corpo de mulher!

Lê-se a chronica cheia de provas, e a gente vae sorrindo dos milagres; olha-se a simples estatua de Teixeira Lopes, e a gente vê que se enganara e crê. Aquillo foi assim, deu-se aquelle milagre, ninguem duvidará; porque todos o vêem, porque o sentem fundo todas as almas; é aquella a Santa que foi a esposa de D. Diniz.

As festas teem tomado nos ultimos tempos um caracter accentuadamente artistico, e evolucionado no sentido da utilidade geral com o estabelecimento de feiras de gado, feitas pela camara da presidencia do sr. dr. Dias da Silva, exposição agricola devida á iniciativa do sr. dr. Costa Lobo, e este anno com a interessante exposição de industrias artisticas de Coimbra.

E' a sua magestade a Rainha que se deve o caracter artistico que teem tomado as festas com a dadiva da estatua de Teixeira Lopes.

E é para saber que só a sua magestade a Rainha se deve o não ter sahido outra vez nos ultimos annos a imagem antiga ou outra tão ridicula como ella.

Concordamos que a imagem antiga, de rosto illuminado á veneziana, embandeirada pelo manto vermelho de pobre ridiculo a pedir esmola, afinava mais com os festejos antigos, festas de arraial de aldeia para entretenimento dos aldeões dos arredores.

A imagem nova destôa ainda do luxo do cangalheiro da procissão actual, é fina de mais, parece perdida n'aquella multidão de aldeões que não entende, caminha enleada, cheia de medo, com receio de ouvir alguma palavra má.

Em Portugal as procissões religiosas teem-se conservado á antiga, não teem evolucionado, como a egreja no culto da arte e da utilidade social. E é isso o que tem a fazer-se, querendo conservar-lhe o caracter de festa tradicional da cidade, que tem.

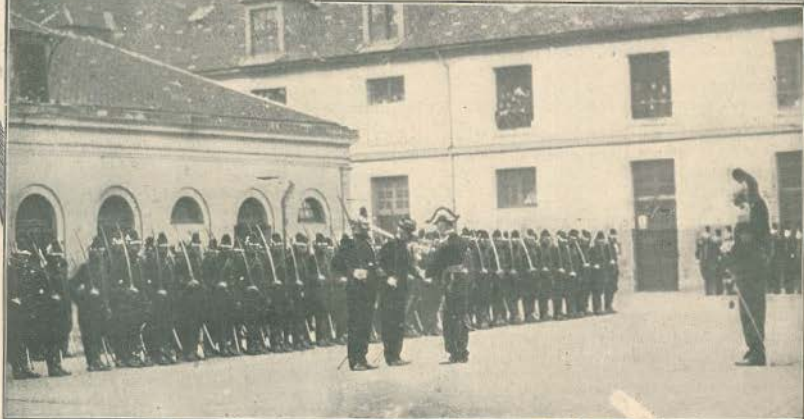
Trazer aos hombros um boneco ridiculo, grotescamente vestido de rainha de aldeia, de grandes saias engommadas, rosto a luzir de sol, lenço de rendas na mão, na elegancia domingueira de uma mulher do campo, pôr-lhe um nome que a historia impôz á veneração d'uma religião e exigir respeito para um cortejo de carnaval é de mais para tres dias de calor e poeira.

Deve continuar-se na orientação moderna dada ás festas pela iniciativa e dom de sua magestade a Rainha.

E a tradição auctorisaria ainda a transformação artistica do culto da Rainha Santa.

As joias do seu uso, que ainda hoje se conservam, deixam entrever n'uma mysteriosa atmosphera de arte a esposa do rei trovador.

O ramo de coral que sustenta o Santo Lenho, as cruzes de agatha e cristal, a imagem de prata com os escudos de Aragão e Portugal são peças de um raro interesse para a historia da ourivesaria peninsular que fazem prever uma vida de fausto, confirmada pelos legados dos testamentos da Santa Rainha de Portugal.

Dar ás festas da Rainha Santa um caracter artistico seria por isso ainda um meio de lhe honrar a memoria.

1) Dreyfus, reintegrado no exercito, avança para receber a Legião de Honra.
2) O general Gillain, commandante da primeira divisão de cavallaria procedendo á ceremonia da investidura de Dreyfus.
3) A 1.ª e 12.ª baterias do regimento de artilharia 13, desfilando em continencia diante do antigo prisioneiro da Ilha do Diabo.

(Clichés do nosso correspondente em Paris)

Dreyfus na Escola Militar («Cour Désjardins») antes de receber a Legiao de Honra

Valsa.

Tempo de Valsa. *Lento ou Andantino.*

1a
2a
Poco.
Poco 2a Lento
Andantino.
Diogo.

As cavalhadas e o jogo de pau no Velodromo de Lisboa

Os primeiros episodios do torneio — O sr D. Alexandre de Noronha na «corrida á caça» — Os cavalleiros — O professor Domingos Salreu jogando o pau, vestido de campino.

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA Illustração Portugueza

A **Illustração Portugueza**, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias inaugurou uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas categorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho [professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc.].

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta [com todas as indicações bem legiveis] mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro; esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação...... 1$000 réis, 4 publicações 2$500 réis;
Annuncios commerciaes, uma publicação......... 800 réis, 4 publicações 2$000 réis;

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta-feira de cada semana.